



N.º 52 — LISBOA, 7 DE JANEIRO

2.
ANO
1891

PARODIA COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 25000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDEO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

SORTE GRANDE



— Eu sou o felizardo a quem saíram os cento e cincoenta contos. Ponha sorte !...

Uma conferencia

O sr. Dias Ferreira fez mais uma conferencia.

Como as do sr. Fuschini, as conferencias do sr. Dias Ferreira são, por via de regra, meras liquidações de actos pessoas praticados no exercicio do poder. Estes dois conhecidos homens politicos não esquecem que foram ministros e não cessam de nol-o recordar. Ainda não succedeu por isso que saisessem, quer das conferencias de um, quer das conferencias de outro, com uma só idéa.

O sr. Bernárdino Machado concluiu pela Republica. E' uma idéa. O sr. João Franco concluiu pela Monarchia. E' outra. Os senhores José Dias Ferreira e Augusto Fuschini não concluem coisa alguma. Não são reformadores: quando muito, são pessimistas.

Em meio de grande numero de anedoctas, elles deixam no emtanto escapar um ou outro conceito susceptivel de ser discutido com proveito, e tal o caso do sr. Dias Ferreira, que justamente aventou na sua ultima conferencia a seguinte proposição: no paiz não ha falta de talentos—o que ha é falta de caracteres.

Pondo de parte o averiguar se, com effeito, no paiz sobram os talentos, vejamos se os males e vicios da politica e da administração podem ser veridicamente attribuidos á mingua de caracteres.

A nosso vêr, os caracteres são perfeitos.

Portugal é—digamol-o assim—um paiz de homens de bem.

A structura dos homens é excellente. A structura dos factos é que não o é; e se o sr. Dias Ferreira nos dá licença nós passamos a explicar-nos.

Sempre á idéa do Privilegio andou alliada a idéa do Abuso.

Assim se formaram os primeiros tyrannos.

Ora, o que é o poder na nação? Um privilegio.

O sr. Dias Ferreira fuma? Não fuma. Mas usa certamente phosphoros.

Já reparou sua ex.^a que os phosphoros da Companhia privilegiada que os fabrica se recusam cada vez mais obstinadamente a accender?

Eis o Privilegio.

Eis o Abuso.

Quer sua ex.^a bons phosphoros, baratos, promptos e prestantes?

Decrete a livre fabricação, supprima o Privilegio.

Pois bem! o poder é o phosphoro—execravel no regimen do Privilegio, excellente no regimen da Concorrência.

Sua ex.^a deplora a ausencia de caracteres, isto é, de bellas structures moraes.

Sua ex.^a é bem innocente.

As nações não se governam pela Bondade. Governam-se pela disciplina.

Diz Stuart Mill, que estamos d'aqui a ver rebrilhar nas estantes de sua ex.^a, entre o *Espirito das leis* e a *Republica de Platão*, que n'uma sociedade bem organizada não se deve contar com a probidade dos homens, mas com a segurança dos cofres.

Stuart Mill diz admiravelmente bem.

A probidade dos homens não é um sentimento colectivo, mas a segurança dos cofres é uma medida geral.

Não ha caracteres! diz sua ex.^a

O que não ha são chaves.

Organizado o poder sob o regimen do Monopolio, como realmente está, como os phosphoros, os tabacos e até certo ponto o bacalhau, o abuso era de rigor.

Só não abusam do privilegio do poder as naturezas singulares, como Washington, por exemplo, que era um monstro. Ao commum dos homens é proprio o abuso de toda a autoridade illimitada.

V. ex.^a acredita a sério que o sr. José Luciano e o sr. Hintze Ribeiro sejam duas organizações demoniacas?

Estes dois illustres estadistas não são—creia-o v. ex.^a—mais substancialmente preversos do que Henry Burnay & C.^a, ou FONSECAS, Santos & Vianna.

Tão somente elles são e nada mais são do que dois detentores de Privilegio e como taes—duas fontes de Abuso. Accrescente v. ex.^a que estes dois monopolistas politicos servem os interesses de dois grandes partidos e terá explicada a sua obra, no fim de contas logica.

O objectivo de todos os monopolistas é dar dividendo. V. ex.^a não negará que tanto o partido regenerador,

como o partido progressista são uma excellente collocação de papel.

V. ex.^a queria—o quê?

Moralidade. Economias. O partido regenerador e o partido progressista—na ruina: o paiz prospero. Magros: o paiz gordo. Anemicos: o paiz como um bife em sangue.

V. ex.^a repetimos—é bem innocente e, para homem politico que se presa de o ser, bem pouco conhecedor da natureza humana.

V. ex.^a quer homens bons.

V. ex.^a está em equivoco.

O que é preciso são bons systemas. Systemas de concorrência e systemas de fiscalisação.

Em Portugal não ha falta de caracteres. O que ha é falta de soberanias. Existem sem duvida duas: a do rei e a do povo, mas nem uma nem outra se exercem. Ambas estão paradas, como velhos machinismos que crearam ferrugem.

JOÃO RIMANSO.



Ena que perú!!!

Este novo santo Papa,
Segundo diz um jornal,
Apanhou bem boa chapa
Para o perú do Natal!...
Vamos a vêr se, afinal,
Elle dá pão e agazalho
Aos que não acham trabalho...
Se, seguindo o são preceito,
Faz o mesmo que tem feito
O Rufino de Carvalho!



Pretensão justa

Alguns amadores de antiguidades leram o discurso da corôa.

Nós, no numero.

Lá encontramos a velha cordealidade de relações com as potencias estrangeiras e lá apertamos a mão á Divina Providencia.

Optimamente conservadas.

A Divina Providencia confessou-nos que estava um pouco cansada de aturar os dignos pares e senhores deputados da nação portugueza e falounos em lhe arranjar-mos um nicho nas Janellas Verdes.

Promettemos interceder junto do respectivo ministro.

A Divina Providencia contenta-se com uma ajuda para a renda da casa e allega com razão a sua longa folha de serviços.

1903-1904

Entrou o anno novo sem empeno.
Hoje em dia, um anno a mais é sempre uma esperança a mais.

Os tempos andam no seu estado interessante.

Espera-se sempre que os novos annos tragam consigo alguma coisa. Dá-se como certo que a época que vamos atravessando está no seu periodo de gestação.

Mas realmente espera-se — o quê? Rigorosamente, não se sabe.

O genero humano pede innovações — eis tudo.

Quaes?
Todas.

As sociedades estão insatisfeitas com a sua organização.

O homem está insatisfeito com a sua sorte.

Pede-se moral.

Pede-se direito.

Pede-se justiça.

Pede-se pão. Alguns pedem tambem manteiga.

Mas ha moral, ha direito, ha justiça. Ha, mas insufficiente. Ha pão, mas não ha pão que chegue.

Todos os annos, pelo Natal, o genero humano espera a Sorte Grande da felicidade, ou, para que assim o digamos, a felicidade aberta em cauletas e enriquecendo equitativamente a totalidade dos homens.

Estamos n'uma época de superstições, da qual tudo se espera: tremores de terra, golpes de Estados, revoluções e chuvas de frango com hervilhas.

Assim tambem cada anno novo que vae ficando para traz, no calendario, sem significação e sem historia—é uma decepção.

* * *

O anno de 1903 não teve historia. Uma data, quatro algarismos — que é isto?

Coisa alguma.

Mas mettam-lhe dentro um facto e ella ficará rebrilhando eternamente.

O seculo dezoito teve, como todos, cem annos. O unico seculo que se tem subtrahido por ora a este regimen é o da rua Formosa.

Pois bem, em todo esse longo e accidentado lapso de tempo, só uma data apparece a brilhar com uma luz immorredoura—1789, e tão grande ficou sendo a sua significação, tão extraordinario o seu prestigio que o genero humano passou a designal-o por esta especie de diminutivo, ao mesmo tempo familiar e grandioso—89. Diz-se Oitenta Nove como se diz Cesar, Annibal, Napoleão, Tito.

Oitenta e Nove é inconfundivel.

Oitenta e Nove não pôde ser o numero de uma porta, o numero de um

camarote, ou o numero de um vigesimo.

Oitenta e Nove é a Liberdade.

Oitenta e Nove é um anno illustre.

O anno passado não o foi. Teve biographia, como toda a gente, como o sr. marquez de Franco, como o sr. Carvalho Monteiro, quicá como o sr. Sousa Monteiro. Cooperou, deu algumas esmolas, distribuiu algumas senhas da Cosinha Economia e abriu algumas ruas novas. Mas pouco mais. Passou. Esqueceu.

* * *

Estará porventura o anno de 1904 destinado a occupar um logar mais brilhante no tempo e na historia?

Como sabel-o?

Incessantemente o Progresso, ao qual se convencionou attribuir rodas como aos trens—caminha.

Mas como caminha?

Sem apparente logica, sem apparente itinerario, aos trambulhões, parando aqui, parando ali, encalhando, desenrascando se e por vezes mesmo retrocedendo para avançar de novo com vertiginosa velocidade umas vezes, com horrivel lentidão outras.

Conhecer com antecipação a derrota exacta do Progresso é pelo menos tão ousado como saber para onde vae o sr. Fuschini.

O Progresso é o imprevisto. O Progresso é amanhã de manhã, o Progresso é logo á tarde. O Progresso é um telegramma que chega, o Progresso é uma carta que parte. O Progresso é um trem que se volta á esquina de uma rua, o Progresso é um figurão trepando a um banco n'uma praça publica.

Todos os annos em que um d'estes factos comeseinhos e momentosos se produz, estão habilitados a gosar do privilegio de uma situação fulgurante no calendario e no tempo.

1904 pôde ser um grande anno, como a creança que nasce pôde ser um grande homem.

A nau de vida

Gente de subido grau,
De cabeça sem mazella,
Diz que a vida é uma nau
Onde a gente vae á vella.

Pois atiro o meu quináu
N'uma peta como aquella:
O meu barco é muito mau,
Corta a remos a procella.

Encontro muitos baixios;
E, como são senhórios,
Paz a minh'alma não logra.

Mas ergo ao ceu os meus olhos,
Por que, entre tantos escolhos,
Nunca achei o d'uma sogra.

Uma mina

Telegrapham de Madrid que o director de um manicomio representou de novo á deputação d'aquella cidade pedindo não lhe seja retirado o subsidio, porque do contrario, terá de despedir 700 alienados que ali mantem.

700 doidos desempregados.

Que mina para o partido liberal!

Dia de anno bom

Surge o Dia de Anno Bom
(Isto é modo de dizer
Por que as coisas vão no tom
De o metal perder o som
E ir o tributo a crescer).

Nas lojas faltam freguezes,
As bolsas andam sem parne;
E estão tão caras as rezes,
Que já se benze tres vezes
Aquelle que comeu carne.

Quem reles peixe procura
Fica co'a bolsa á divina...
E, ainda por cima, atura
Famosa decompostura
Da vendedeira ovarina.

A preta, que mal se explica,
Por mais que berre e que ladre
A apregoar pela Bica,
Não impinge a fava-rica
Nem mesmo á mão de Deus Padre!

O dono da padaria,
Vendo os seus lucros pequenos
Presentemente, nem fia
Ao prior da freguezia
Um pão com peso de menos!

Do medico uma visita
Já custa os olhos da cara...
E só esse que as evita,
Ou morre como um catita,
Ou mais depressa inda sára.

O pateta que se casa,
I.á porque o mordeu amor,
Vê que a bolsa se lhe arraza
P'ra não desmanchar a vasa
Do sacristão e prior.

Vae uma atroz confusão,
N'esta balburdia das leis!!!
Só resta a consolação
Nas esp'ranças que nos dão
Estas visitas dos reis.



OS REIS



OS PRESENTES

De borla

Tão certo é que o homem busca incessantemente a Illusão e tão certo é que o theatro incessantemente lh'a dá, que de todos os prazeres para que elle corre, ainda é para o theatro que corre mais aqodadamente.

A hora do theatro, em toda a parte do mundo, é dos mais curiosos espectaculos humanos.

Eis uma cidade em revolução: ruas cheias de gente apressada, carruagens que passam á desfilada, homens que nada detem, mulheres arreagaçando as saias, creanças arrebatadas pelas mães, rostos pallidos de commoção, olhos brilhando de febre, vozes alteradas, gritos ensurdecedores, confusão, tumulto, atropello, panico.

O que é isto?

Nada.

E' o theatro.

A hora do amor faz sem duvida correr o homem, mas ha uma coisa que o faz correr mais ainda: é a hora do theatro.

A mulher espera. Impacienta-se, soffre, duvida, mas espera. A mulher é um pouco como a sopa de carne: quando espera, apura. Torna-se mais saborosa e tem um perfume melhor.

O theatro não espera.

Accende o lustre, installa a orchestra, sobe o panno e começa.

Se alguma coisa o homem teme neste mundo, é chegar tarde ao theatro.

Por via de regra, elle está sempre em atraso.

A pontualidade — diz não sabemos que fino moralista — é a virtude que consiste em esperar pelos outros.

O homem não é pontual e os inglezes mesmo só o são por calculo e negocio.

Veja-se porém, o homem no theatro: — á hora marcada elle está no seu lugar.

Não ha exemplo de um theatro se encher no fim do espectáculo. Quando se enche, é sempre no principio.

A falta de pontualidade é relevada em todas as circumstancias. Menos no theatro. Chegar tarde ao theatro é incorrer no desagrado e na censura das maiorias. Na Alemanha, as salas dos theatros fecham-se á chave, depois de começar o espectáculo.

Ali, não é mesmo permitido chegar tarde. Em sociedades menos severas, chegar tarde ao theatro é comtudo considerado como nocivo aos interesses da collectividade.

O theatro absorve um terço das energias humanas.

Aqui está Lisboa.

Em Lisboa, o theatro absorve dois terços, e não ir ao theatro é, nesta capital, viver fóra dos interesses da comunidade.

Nós vivemos na Communidade.
Nós vamos ao theatro.



Algumas notas theatraes:—São as unicas que trazemos na carteira, feitas das despezas do Natal e do Anno Bom.



A *Resurreição* é uma peça de inverno—fria.

O *Serão nas Larangeiras* é uma peça de verão—fresca.



O sr. Alberto Pimentel prohibiu que se representasse no theatro de D. Maria a peça de Strinberg—o *Pae*. Segundo parece, só consente o *Pae*... *Prodigo*.

Parece que, em vista da opposição do sr. Alberto Pimentel, a peça de Strinberg será novamente sujeita á Censura sob o título—o *Pae*... *Paulino*.

Lamentações do Zé

Vi muito gordo *pirum*,
Em continuo gargarejo;
E, como estava em jejum,
Lembrei-me de furtar um
Para arrancar ao festejo.

Bem vi eu que era peccado
Aquelle acção de bifança;
Porém, pensando um bocado,
Vi que um homem confessado
Do ceu não perde a esperanza

Sem dizer nem chuz nem buz
Avanço no meu empenho,
Fazendo o signal da cruz;
E ao mais bello dos perus
Lanço larapio gadanho.

E disse, muito animado
Na minha acção tão soez:
—Ora seja Deus louvado...
Nem só ministros de estado
Comem perú d'esta vez!

Policia de atroz carranca
Vem, pensa fazer-me em postas;
E, se alli me não desanca,
O bello perú me arranca,
Depois d'um murro nas costas!

E disse-me o da milicia
(Logo a tratar-me por tu):
«—Olha que tenho pericia,
Sou ha dez annos policia,
E nunca comi perú!!!»

E lá vou ao som de sôcco,
Co'esta minha cara leiga,
Um verdadeiro samouco,
Dar o resto do meu troco
Ao illustre juiz Veiga!...

Deixem-me desabafar,
Lamentando o fado crú:
—Vou no Limoeiro entrar,
Tenho que me confessar...
E não comi o perú!

A massa Papal

O Papa, que entrou já no rol dos santos,
No ceu está, e irá para a folhinha,
Tão bem soube cavar na santa vinha
Que bons milhões deixou... nem eu sei quantos!

Escôndia o seu bago pelos cantos,
Assim como quem tem a daminha...
Fingia muitas vezes que não tinha
Lenço para enxugar alheios prantos!...

Pois, meus caros irmãos, o caso observem;
Vejam como as moedas amarellas
Crescem nas santas mãos dos que as reservem!

Vêde-vos neste espelho, almas singelas;
E sabereis então para que servem
Tiáras, bullas, rezas, benzedellas!



S. Carlos. Os *Lombardos*. Um dos muitos casos de anachronismo scenico, de que S. Carlos é tão rico.



Introdução dos instrumentos musicos dos *Prussianos do Seixal*, nos costumes dos *Cruzados*.



CAMPIÃO & C.^a

Rua do Amparo, 118-LISBOA

Relação dos maiores premios vendidos n'esta casa durante o anno De 1903:

4870—8 de janeiro.....	25:000\$000
5544—21 de janeiro.....	12:000\$000
5953—21 de janeiro.....	1:000\$000
137—28 de janeiro.....	1:000\$000
6386—11 de fevereiro.....	1:000\$000
5928—18 de fevereiro.....	12:000\$000
3609—26 de fevereiro.....	12:000\$000
1297—18 de março.....	1:000\$000
1647—22 de abril.....	12:000\$000
2213—28 de abril.....	12:000\$000
3907—13 de maio.....	1:000\$000
4318—10 de junho.....	50:000\$000
3511—10 de junho.....	10:000\$000
2202—10 de junho.....	1:000\$000
3682—17 de junho.....	2:000\$000
4275—23 de junho.....	12:000\$000
6004—30 de junho.....	1:000\$000
3931—21 de julho.....	12:000\$000
1109—4 de agosto.....	25:000\$000
134—11 de agosto.....	1:000\$000
6012—25 de agosto.....	12:000\$000
4747—5 de setembro.....	10:000\$000
488—12 de setembro.....	25:000\$000
2451—12 de setembro.....	2:000\$000
956—3 de outubro.....	25:000\$000
509—10 de outubro.....	12:000\$000
2683—10 de outubro.....	1:000\$000
3850—17 de outubro.....	1:000\$000
5309—21 de novembro.....	1:000\$000
2774—28 de novembro.....	1:000\$000
5167—5 de dezembro.....	12:000\$000
4290—22 de dezembro.....	4:000\$000
1114—22 de dezembro.....	2:000\$000
5080—22 de dezembro.....	1:000\$000
6583—22 de dezembro.....	1:000\$000
107—31 de dezembro.....	1:000\$000

Primeira loteria do anno a 8 de janeiro de 1904

PREMIO MAIOR

30:000\$000

Bilhetes a 15\$000 réis, decimos a 1\$500, vigesimos a 750.
Cautelas de 330, 220, 110 e 60 réis.
Pelo correio accresce a despeza do porte e registo.

Pedidos aos cambistas

CAMPIÃO & C.^a

LISBOA

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



MOLDURAS E MOVEIS DOURADOS

A ouro fino, continuam-se a fabricar em todos os estylos, por preços modicos.

Espelhos molduras e galerias.

Mezas de phantasia douradas em diversos gostos.

Galerias douradas a 800 réis.

Baguette nacional para molduras e galerias: qualidade e preço rivalisa com a estrangeira.

Estampas e oleographias, bom sortimento e variedade a nossa casa: todos os artigos acima mencionados e muitos outros do que diz respeito á arte de dourador, se encontram a venda na officina e deposito de moveis dourados de Joaquim Antonio Pereira.

273, Rua da Rosa, 275

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa de fabrico e concertos



FLORINDO

Jóias com brilhantes Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Aparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo os illustrados. Capas para a encadernação d'esta Parodia, 1.ª, 2.ª e 3.ª anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



Os celebres gabões d'Aveiro Não ha em Portugal quem vende mais barato e mais bem feito do que o

JOSÉ CLEMENTE

51—Rua da Escola Polytechnica—55

ENCADERNAÇÃO

Simples e de luxo, cartomagens, dourados em fita: para cordões e em toda a quantidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

PASTELARIA TABOENSE

Rua de D. Pedro V

FESTAS DOS REIS

N'esta pastelaria, a unica no paiz montada expressamente para este fim, tendo ao seu serviço um habil pasteleiro francez, que manipula com a maxima perfeição e esmerado acceio, tudo quanto ha de mais phantastico em pastelaria, encontra o publico um

Variado sortimento dos mais finos e elegantes doces

como **Entremetis**; **Peças montadas** do melhor gosto e elegancia; **Puddings** d'ovos e de pão; **Bólos** podres, russos, inglezes e portuguezes, fabricados diariamente; **Charlottes** russos; **Gelados**; **Lamprais**; **Plum-pudding**; **Sultam-Coke**; **Chery-coke**; **Fructas** de Coimbra e Elvas; **Laranjas** de Setubal; **morcellas** de Arouca; **Celestes** de Santarem; **Queijos d'ovos** d'Aveiro; **Fructas francezas**; **Drops**; **Bonbons**; e o mais selecto sortido de

PASTELARIA A' FRANCEZA e A' PORTUGUEZA

entre o qual se encontram os já celebres **Pastels de folhado**.

Ha ainda o procurado **Torrão** de côco, de gemma e de Cadiz, o magnifico **Massapão** de Toledo e uma variedade escolhida dos mais finos e saborosos **Vinhos** e **Licores** da época.

Desde hoje, começa tambem a venda do seu celebre

Bólo Rei

feito expressamente, pelos systemas francez e portuguez, para a venda d'esta casa e suas succursaes. **Todos com elegantes brindes** e d'um finissimo sabor. Unicos no genero.

Aos seus clientes, distribue esta casa **Brindes** muito gratiosos; como elegantes **chromos**, **balões** com oxygenio, etc.

Encontram-se igualmente á venda **doces** fornevidos por este estabelecimento, inclusivé o **BOLO REI**, nos seguintes locais:

Rua da Palma, n.º 304, rua Maria Andrade, 24, rua de José Estevão, 40, rua Passos Manuel, 21, rua Paschoal de Mello, 12, rua de Arroyos, 12, rua de Santa Martha, 42, rua Nova do Carmo, 88, rua Nova do Almada, rua de Santa Justa, rua de D. Carlos I, 64, rua da Esperança, 108, rua do Loreto, 12, rua do Loreto, 23, rua da Escola Polytechnica, 41, rua de D. Pedro V, 81, rua do Rato, 45, calçada do Duque, 57, calçada da Estrela, 177, calçada do Sacramento, 26, largo do Poço Novo, 26, largo da Graça, 109, rua de S. Bento, 94, rua da Conceição da Gloria, 67, travessa da Palmeira, 56.

A preparação do discurso da corôa

